

## Poética do corpo a céu aberto. Movimento Poetas na Praça: cultura, trajetória e resistência

Messias Nunes Correia<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo tem como contexto o estado da Bahia, enfatizando a produção cultural literária entre 1970/85, período em que a Poesia Marginal adquiriu visibilidade em diversas regiões do país, inspirando o Movimento Poetas na Praça (MPP), na cidade de Salvador, em 1979. Os Marginais produziram uma literatura imbuída de vocabulário popular, privilegiando uma estética não tradicional e, em alguns casos, perpassada por uma linguagem pornográfica. Os jovens poetas frequentavam as praças com cabelos grandes, vestidos de forma semelhante à dos hippies ou usando poucas roupas, descalços ou com sandálias, faziam uso de palavrões, mas também declamavam poesias, falavam da fome, da miséria, da injustiça e da censura. Pretende-se apontar aqui como a performance corporal deles estava aliada à declamação do poema, destacando a exposição da sexualidade como elemento de oposição à moral. Esta pesquisa fundamenta-se em História oral, análise de poemas, fotografias e depoimentos dos poetas, assim como em matérias de jornais. O trabalho contribui para uma nova avaliação do cenário literário baiano, apresentando uma temática que, pouco pesquisada, é útil para a historiografia regional, pondo a Bahia como um cenário de atuação poética.

**Palavras-chave:** Poesia. Marginais. Sexualidade.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). Bolsista Fapesb 2012/2014.

## Poetic of the body in open air. Poetas na Praça Movement: culture, trajetory and resistance

**Abstract:** The article has as its context the state of Bahia, emphasizing the literary cultural production between 1970/85, period in which the *Poesia Marginal* gained visibility in various regions of the country, inspiring the movement *Poetas na Praça* (MPP) in the city of Salvador in 1979. The *Marginais* produced a Literature full of popular vocabulary, favoring a non-traditional aesthetics and, in some cases, pervaded by a pornographic language. The young poets attended the squares with big hair, dressed similarly to hippies or using few clothes, barefoot or in sandals, made use of bad words, but also recited poems, spoke of hunger, poverty, injustice and censorship. It is intended here to point out how their body performance was combined with the recitation of the poem, highlighting the exposure of sexuality as an element of opposition to the moral. This research is based on oral history, analysis of poems, photographs and testimonies of poets, as well as newspaper reports. The work contributes to a reassessment of the Bahian literary scene, presenting a thematic little researched, but useful for regional historiography for placing Bahia as a scene of poetic activity.

**Keywords:** Poetry. Outsiders. Sexuality.

### Poesia Marginal

Didaticamente explicando era porque nessa época os autores não eram muito conhecidos, não tinham os seus textos publicados pelas grandes editoras, eram eles mesmos que produziam os seus textos e arrumavam uma forma de divulgá-los.

Por isso são conhecidos como poetas marginais e sua poesia a poesia marginal... O termo marginal vulgarizou-se no universo político brasileiro a partir da década de 50 quando os planos desenvolvimentistas geraram uma consciência eufórica de progresso... Nos anos setenta a palavra marginal associou-se a produção artística, principalmente, literária, ultrapassando tanto seu significado pejorativo quanto econômico. A poesia marginal abriu um novo e vasto campo para a investigação literária, uma poética com textura gramatical complexa e eficiente (SOPA, 2006, p. 12).

Esta citação aponta para a complexidade do movimento marginal, uma vez que não se pode caracterizá-lo com um único perfil que dê conta de sua totalidade. O que há são encruzilhadas de ideias, posturas, ideologias individuais ou coletivas, sem pretensões hierárquicas, numa artesanania que objetivava a aproximação do poema ao leitor. Para analisar a produção literária e o universo poético do Movimento Poetas na Praça, é imprescindível que seja realizado um estudo mais abrangente envolvendo uma reflexão sobre a Poesia Marginal que marcou, de forma significativa, a década de 1970.

O termo Marginal sinaliza para várias interpretações, já que os poemas eram feitos de forma artesanal, mimeografados, em panfletos, grampeados e divulgados em locais públicos de forma a encurtar as distâncias entre autor e leitor. Esta prática dava-se, também, pela falta de espaços nas editoras e se tornara o meio eficiente de fazer o poema entrar no dia-a-dia das pessoas. Há, deste modo, uma diversidade de estilos e posicionamentos político-poéticos

na literatura marginal, refletida em nomes como os de Casaco; Chacal; Carlos Saldanha; Eduardo Augusto; o baiano Claudius Portugal; Adauto de Souza Santos; César Cardoso. Além de várias publicações coletivas e individuais que marcaram a década de 1970, tais como: *Malasarte*; *Alguma Poesia*; *flor do Mar*; *Qorpo Estranho*; *Navilouca*; *Código*, dentre outras. O fato é que não há homogeneidade na poesia marginal, como também nos poetas que fizeram parte do MPP, embora seja possível identificar, nos pontos citados, proximidades, especialmente nos meios de confecção e divulgação dos poemas. Segundo Barbosa (2007, p. 22), “a definição de marginal traz a noção de estar na periferia em relação ao centro, a um estado condicionado pelas forças culturais dominantes, ou ainda, diz respeito a um estado assumido por livre-arbítrio como força de resistência aos modos dominantes de produzir cultura”. O discurso poético marginal une vários e diferentes estilos e gêneros literários, porém, traz algumas características que são comuns a partir de uma linguagem espontânea, informal, irônica e em alguns casos, pornográfica.

O *corpus* deste trabalho tem como um dos seus principais objetos de análise a poesia marginal que faça menção à linguagem corporal, à sexualidade, enfim, uma poesia do eros e, também, pornográfica. Neste enfoque há uma ressignificação do poema em que o corpo e o sexo passam a fazer parte desse novo estilo, alterando o próprio comportamento do poeta. Por outro lado, surge o embate com a poesia tradicional e sua estética, principalmente as ideias do concretismo que, na concepção de Geraldo Maia, desconstruía a palavra transformando-a em símbolos visuais<sup>2</sup>. In-

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida ao autor do artigo em 15 de abril de 2011, em Itabuna, Bahia.

fluenciados pelo Tropicalismo, percebido como a vanguarda em que “o corpo passa a ser reavaliado como elemento crítico, capaz de subverter a ordem vigente” (BARBOSA, 2007, p. 27), os marginais, em muitas situações, punham o corpo em destaque, pois o que há é uma corporificação do poema, já que “a poesia tem que fazer a cabeça, transar o corpo”. Surgem em várias partes do país, grupos, movimentos e poetas inspirados nessa concepção de arte em que o poema pornô não se confunde necessariamente com pornografia. Através da liberalização e do humor, o poema pretende ser um meio de despertar a consciência e o senso político.

## **O palco, a praça e o manifesto.**

### Manifesto dos Poetas na Praça

Estamos conquistando novos espaços... O nosso tempo é de rua... Ganhar as ruas para sobreviver / para sentir os pingos de chuva / os raios do sol / o nosso tempo nublado / é estar na praça / e ver gente / Divulgar a poesia / e ser... Ver gente vibrando... Lançando o nosso brado aos edifícios / às igrejas / aos escritórios / ao trabalhador / aos mendigos / aos acomodados de espírito / aos que sofrem / aos deuses / ao infinito... Num circuito diário / dialético de mágoa / saudade / solidão / e amor... Contra a subcondição humana, assumindo a nossa condição de poeta atuante / vibrante e vivo... Reivindicando a urgência do homem ser / logo / hoje / agora... O trem que nos leva tem trilhas subterrâneas e nesse trem estamos viajando e cantando o homem amordaçado / abandonado... Exigindo com a voz

e paixão uma vida digna para o ser humano... Por um amanhã que ao despertar se possa saudar o dia animados e vivos. Cheios de esperanças. Somos o colírio das tardes soteropolitanas / somos o colírio do tempo... E na praça nacional da poesia, reduto dos poetas, diariamente a partir das 18 horas, estamos nos firmando dentre as culturas belas e frias / como esculturas vivas e fortes. OS POETAS NA PRAÇA resistem e falam pelos homens / serem que transitam em silêncio pelas ruas deste Brasil tão estrangeiro... Centenários que somos iluminamos as tardes que findam... Nós como as primeiras luzes da noite existente... Muitos param / muitos se assustam / muitos nos chamam de louco e respondemos lúcidos que “APESAR DE EM NÓS ESSA LOUCURA / SOMOS / DE REPENTE / A CURA / A CURA...”

Salvador, setembro de 1979: Antonio Short, Eduardo Teles, Ametista Nunes. Geraldo Maia, Gilberto Costa, Haroldo Nunes, Jairo Rodrigues, César Lisboa, Araripe Junior e Ronaldo Braga.

O objetivo deste tópico é traçar a trajetória do Movimento Poetas na Praça (MPP), representante da Literatura Marginal no cenário poético baiano, literatura esta que surgiu nos anos 70 e marcou de forma significativa a poesia brasileira. A Geração Marginal, como ficou conhecida, pode ser pensada em múltiplos aspectos, mas, sobretudo, caracterizou-se por uma poesia “de várias e diferentes tendências, mais ou menos intercambiadas pelo viés do espontâneo e do não programado” (BARBOSA, 2007, p. 13). Em linhas gerais, é possível afirmar que se trata de

um fazer literário, o qual marca a história recente do Brasil, enquanto inaugura não somente um novo estilo literário, mas uma alteração comportamental nos jovens destas referidas décadas. A marginália, ao adotar atitudes de desbunde (rompimento com os recalques ligados à sexualidade, aos condicionantes vinculados aos padrões capitalistas, religiosos, familiares), estabelece deste modo um desvio no proceder dessa juventude. Maria Daniela Barbosa (2007, p. 21) sintetiza a representação que se tem dos escritores dessa geração ao afirmar:

Essa manifestação contracultural, aparelhada à consciência subversiva, conduz os jovens artistas a gestos de rebeldia, leia-se rebeldia não-engajada, pois não se trata de um enfrentamento direto às esferas de poder, mas uma ruptura com padrões do sistema, seja ele burguês, ocidental, cristão.

Neste sentido, há uma fragmentação de ideias e posturas antes ancoradas numa moral política e social que norteava o homem moderno e que, agora, perdem seus sentidos. É a partir dessa premissa que abordamos o Manifesto dos Poetas na Praça, escolhido por apresentar uma síntese dos seus ideais, revelando partes indispensáveis dos discursos que dinamizavam a atuação dos poetas. Para tanto, o contexto político e social será explanado de forma breve, para em seguida aprofundar especificamente o surgimento do MPP e mapear sua trajetória entre 1979 a 1989, apesar da escassez de documentos que abordem essa temática. Este recorte aborda o início e o declínio do grupo, ainda que, nos anos seguintes tenha aido a atuação de alguns remanescentes do MPP na cidade de Salvador.

Com o intuito de apresentar as principais ideias do grupo durante esses anos, utilizamos alguns depoimentos e poemas de Gerado Maia, em *Triste Cantiga de Alguma Terra*, publicado em 1978, além de poemas de Ametista Nunes, Antonio Short e outros poetas.

Ao afirmar que o "nosso tempo é de rua... Ganhar as ruas para sobreviver", torna-se evidente que a concepção literária do MPP é ressignificar a função do poeta na sociedade, pois este não pode estar condicionado a um institucionalismo ou às formalidades acadêmicas, nem preso a querelas estéticas tradicionais que muitas vezes o distanciam do ser humano, amordaçando, igualmente, o poema a uma elite descompromissada com a popularidade do trabalho literário. Esse ideal fora defendido pela poesia marginal dentro do trabalho da oralidade e de cunho artesanal, mimeografada e vendida na rua. Este tipo de fazer artesanal desenvolvido pelo MPP era muito comum em várias partes do Brasil, mas fora assimilado pelos *Poetas na Praça* de forma que sua identidade estivesse imbuída da popularização da poesia para torná-la doméstica, acessível ao povo, sem as paredes da burocracia ou dos "grandes" literatos.

Por outro lado, para o poeta, estar exposto às adversidades (pingos da chuva, ao sol e ao dia nublado) é assumir diante de todos, desde os mendigos, trabalhadores, religiosos, acomodados, seu compromisso com a liberdade poética. Estar na praça é falar ao povo das questões que afetam o ser humano, ao mesmo tempo em que é possível devolver a este homem "amordaçado/abandonado" a esperança. O homem é, por conseguinte, a temática que atravessa todo o manifesto, como um objeto a ser repensado, celebrado "cantando o homem",



mas, principalmente, quem viva com dignidade nesse "Brasil tão estrangeiro. Somos a cura, a cura". Declaração carregada de um "dialético" de "mágoa/saudade", de inconformismo, próprio das décadas de 1970 e 1980. Os poetas repensam a própria condição do ser, não em uma concepção futurista, utilitarista, mas "logo/hoje/agora".

Para um estudo mais profundo sobre o MPP é imprescindível analisar a cidade de Salvador, seu cenário social e político, além de apontar as problemáticas no país após quase duas décadas de ditadura militar, naquele momento de abertura política, das discussões e da luta em torno da Anistia e do processo de redemocratização do Brasil. O intuito não é estabelecer uma discussão mais intensa sobre estas temáticas, mas identificar a capital baiana como ponto de encontro e debate, principalmente por sediar o II Congresso Nacional pela Anistia, em novembro de 1979, evento que contou com "a presença de alguns exilados que haviam retornado ao país" (MAUÉS; ABRAMO, 2006, p. 209).

De acordo com Piedro Tierra, pseudônimo de Hamilton Pereira, preso de 1972 a 1977, militante da Ação Libertadora Nacional (ALN) e um dos poetas lidos pelos membros do MPP, em sua chegada a Salvador era possível visualizar uma efervescência literária, uma exposição de poetas e outros artistas, pois a "poesia andava pelas praças, pelas ruas, porque o coração das pessoas estava aberto para ouvi-la" (TIERRA apud MAUÉS; ABRAMO, 2006, p. 273). Segundo o poeta, que em 1979 viajou por algumas "capitais do Nordeste com um pequeno volume dos *Poemas do Povo da Noite...*, ao chegar a Salvador e se dirigir a um recital na antiga Praça da Força, foi surpreendido por um fato inusitado: a multidão que se encontrava na praça acreditava que o poeta havia sido executado pelos militares.

Nos concentramos em torno do monumento e deu-se início ao recital. Para minha surpresa um grupo de jovens atores havia feito uma seleção de poemas, para homenagear Pedro Tierra, poeta de origem latino-americana, morto sob tortura pelo regime militar... E lá se foram desafiando no tom dos discursos veementes da época os Poemas do Povo da noite aos quais tiveram acesso por uma edição mimeografada que corria de mão em mão entre eles. Senti-me morto e resuscitado, comovido pela homenagem e temendo frustrar meus entusiasmados porta-vozes por estar prosaicamente vivo entre eles (TIERRA apud MAUÉS; ABRAMO, 2006, p. 273).

Embora a citação não faça referência direta ao MPP ou à Poesia Marginal, alguns conceitos são direcionados para a presença dos marginais nesse evento. Pedro Tierra, ao destacar o modo como esses poemas eram divulgados – por meio de uma edição mimeografada passada de mão em mão – nos leva a entender que os Poetas na Praça estavam presentes.

As problemáticas advindas do regime, as crises sociais e econômicas que perduraram até a década de 1980, a violência, os massacres, as lutas dos movimentos sociais, talvez não sejam os únicos meios de explicação do comportamento transgressor e angustiado dos jovens nesse período, mas, ao mesmo tempo, não podem ser desconsiderados, já que os afetavam diretamente. Estes jovens são aqueles que nutrem um sentimento de rancor, todavia, naquele momento deixam transparecer uma forma particular de liberdade, distante daquela apregoadada pela sociedade burguesa

e consumista e querem se posicionar e conquistar ou criar seu espaço de atuação na sociedade. A poetisa Ametista Nunes evidencia este sentimento de medo e ódio num poema intitulado *Brasil*.

Brasil  
Terra onde nasci  
Brasil  
Terra onde cresci  
Brasil  
Terra onde aprendi  
A ter medo  
A ter grande medo  
A ter imenso medo  
Das botas que pisam  
Comigo o mesmo chão  
A ter muito ódio  
A ter muito ódio  
A ter imenso ódio  
Do soldado que sente  
Comigo a mesma dor!  
(NUNES *apud* SILVA, 2008, p. 135).

Este poema pode ser dividido em dois momentos: no primeiro é enfatizada a identificação da poetisa com o lugar de origem, com suas raízes. O segundo ressalta o medo, a instabilidade, as incertezas e a violência (*botas que pisam*) que marcaram o Brasil. O ódio é fruto desta ferida aberta, não significando, porém, que a arte seja simplesmente o produto da desilusão e dos dissabores com o cenário político e social, mas quiçá considerada como um “termômetro”, uma expressão, uma linguagem a desvelar sonhos, desejos,

ideologias e posturas, tal como descrito no poema de Agenor Campos: “O Sonho de um poeta / só se pode comparar / com o sonho das crianças. / Brinca com fogo sem medo de se queimar” (SOPA, 2006, p. 11).

Analisando a atuação do MPP, o poeta Douglas de Almeida, ao fazer crítica à sociedade que, segundo ele, era careta e conservadora, afirma ser preciso “radicalizar, falar de putaria, poesia social, poemas eróticos” (CÉSAR, 2003, p. 6). Em vários momentos o contato com poemas sociais é evidente, mas vale ressaltar que o foco deste trabalho são os poemas eróticos, uma vez que o corpo, do ponto de vista da sexualidade e da performance, é um dos recortes para o estudo do movimento.

Em janeiro de 1979, na capital baiana, surge o Movimento Poetas na Praça, iniciado por Geraldo Maia, Eduardo Teles, Ametista Nunes, Antonio Short e Gilberto Costa, onde se juntaram nomes como o de Valente Junior, Miguel Carneiro, Mário de Oliveira, Ronaldo Braga, dentre outros. A origem do movimento está relacionada a uma brincadeira feita na Praça por Walter Seixas, Araripe Júnior e Geraldo Maia, apresentada por este último da seguinte forma:

Fiquei pensando em como chegar na [sic] praça e chamar a atenção das pessoas. Foi ai que sentei no colo de uma daquelas estátuas e escrevi o poema que diz: Muito bom dia senhores reunidos nessa praça / com todos vocês nos encontramos / na luta de todo dia / enquanto se for escravo / e outros com regalia / poesia é nossa arma e vocês são poesia... Isso foi escrito com o intuito de chamar a atenção das pessoas. Eu recitei esse poema ali na hora, eles recitaram poemas deles. Isso não durou

muito, apenas duas ou três vezes, depois, cada um foi cuidar de seu lado, mas eu continuei agitando na rua. Em mim a vontade de fazer um movimento nasceu aí... Nesse tempo eu morava em um sítio com uma galera, nós tínhamos formado uma pequena comunidade e o Eduardo, que estava passando por alguns problemas familiares, foi morar com a gente. Esse lugar ficou conhecido como 'Sítio da Loucura'. Ali, depois de muita insistência, eu convenci o Eduardo a ir comigo à praça recitar. Só que no início a gente recitava pra ninguém, mas quando paravam nós nos aproximávamos para oferecer nossos livros. Depois de algum tempo as pessoas começaram a parar por mais tempo e nós convidamos o Short e o Gilberto Costa, mas eles não foram por acharem que havia algum partido político por detrás dessa iniciativa. Depois eles vieram. O Gilberto com um pouco mais de cautela. Agora, para que o recital acontecesse diariamente era necessário que houvesse pessoas comprometidas com a iniciativa, mas todo mundo tinha seus trabalhos. O Short era funcionário público, a Ametista Nunes também tinha seu trabalho. Eu e o Eduardo é que éramos os vagabundos da turma (não tínhamos emprego fixo) e podíamos estar na praça todo dia, por isso, nem todo mundo vinha todo dia, mas eu e o Eduardo sim. Por causa do Short a gente começou a jogar o horário cada vez mais pro final da tarde para que ele participasse e os funcionários públicos também. A coisa funcionava de forma anárquica, era só ir lá recitar e pronto (SOPA, 2006, p. 6).

A brincadeira, descrita por Maia, aponta para a ausência de um projeto bem elaborado no que diz respeito ao surgimento do movimento. O que havia era apenas uma vontade, nascida naquele momento, mas sem ambições estruturais, haja visto que a busca era por liberdade de expressão sem as amarras dos dogmas e da moral imposta pela sociedade.

No ano de 1978, a capital baiana sediou a Semana Literária da Bahia (SELIBA), organizada pelo Professor Hermano Golveia, diretor do Instituto Central de Educação Isaías Alves (SOPA, 2006), evento que agrupava feira de livros, concurso de poesia e várias expressões artísticas. Hermano Golveia contribuiu na tiragem mimeográfica de alguns poemas e livrinhos, com ajuda, também, do professor Humberto, que tinha uma pequena gráfica. A Praça da Piedade, que sediou a SELIBA, passou a ser o lugar de encontro desses poetas que, nos fins de tarde, motivados por muita música, declamações de poesias, teatro, feira de livros e imbuídos de uma performance corporal, acreditavam que a poesia deveria ganhar espaço e se aproximar cada vez mais das pessoas. Deste modo, a gênese do MPP não estava relacionada a um projeto político-partidário de direita ou de esquerda, pois não havia uma bandeira partidária, já que, de acordo com Maia,

a esquerda difere da direita na mão que bate a punheta [, embora] o Short via Pedro César, se filiou ao MR-8 e ganhou até codinome, mas os outros não, não queriam se filiar a porra nenhuma (SOPA, 2006, p. 6).

A conduta desses jovens, em várias situações, se caracterizou como um assalto à moral e à tradição social, e por isso foram taxados de desordeiros e imorais. A ideia que perpassava por muitos membros do MPP era a de chocar, causar impacto com a poesia, contestar as práticas sociais, pois os Poetas na Praça ansiavam por explorar a linguagem nas mais variadas formas, aliada ao poema. Alguns de seus membros reuniam-se completamente despídos e utilizavam a poesia contida nas expressões corporais, nas práticas de nudismo, para defender a ideia de um naturalismo que se contrapunha ao modo de vida vigente, tal como na pensão da mãe de Geraldo Maia, onde “todos eram obrigados a tirar a roupa para participar da reunião” (SILVA, 2008, p. 69). Segundo Geraldo Maia, o corpo teve um lugar de destaque no MPP:

Seu uso sempre foi intenso e sem encucações. Éramos também naturistas, praticávamos a nudez numa boa, aliás, em Salvador, para entrar na Casa dos Poetas, que ficava na Rua do Castanhêda, 35, era obrigatório (mesmo) ficar nu. Com algumas exceções, é claro [rsrsrs]. Mas, cenicamente, era muito importante para o recital na praça o uso veloz, ativo, flexível do corpo, vestido ou desnudo ou semidesnudo.<sup>3</sup>

Além da Praça da Piedade, algumas reuniões eram realizadas neste ambiente. Os encontros eram marcados pela leitura de poesias gregas, modernas, de autores como Glauber Rocha, Manoel Bandeira, Maiakovski, os irmãos Campos, Décio Pignatari, Torquato

---

<sup>3</sup>Entrevista concedida ao autor do artigo em 15 de abril de 2011, em Itabuna, Bahia.

Neto, Maria da Conceição Paranhos, José Paulo Paes, Fernando Pessoa, Pedro Terra, Carlos Drummond de Andrade, Nietzsche, Rilke, Borges e Pablo Neruda. Todos estes artistas e pensadores eram pautas para os encontros dos Poetas na Praça, visto que a poesia do MPP era incorporada ao cotidiano, se entrecruzava com a vida numa busca visceral de desierarquização social e literária. Neste sentido, as convenções precisavam ser questionadas, e as ruas tornavam-se o lugar da desconstrução piramidal, a expressão de uma arte sem muros e que não necessitava da legitimação de alguns espaços tradicionais. Em perspectiva saudosista e contemporânea, uma matéria do jornal *Correio da Bahia* reconstitui um dos momentos de atuação do movimento:

Na Praça da Piedade, seu QG, a poucos metros do prédio da Secretaria de Segurança Pública. Setores da Igreja Católica ligados à diretista Tradição, Família e Propriedade (TFP) denunciaram à polícia que os poetas estavam disseminando a pornografia, a imoralidade e a sem-vergonhice nas ruas. A época era da ditadura e dá para ver o que aconteceu. Por determinação do Superintendente da Polícia Civil, Jurandir Moisés, em Abril de 1982, Geraldo, Zeca, João Luiz Souza dos Santos e Emanuel Gama de Souza Almeida foram presos e enquadrados no Artigo 234, que prevê pena de seis meses a dois anos. O escritor Jorge Amado foi uma das poucas vozes a se levantar contra o arbítrio [...] 'só o povo pode censurar os poetas, deixando de ouvi-los ou lê-los. Fora disso tudo que seja censura é restrição à liberdade de criação e opinião. Basta a



proibição que pesou durante tantos anos contra a poesia de Gregório de Mattos, o pai da nossa literatura, porque as autoridades a consideravam obscena' (CÉSAR, 2003, p. 6, grifo do autor).

Além disso, alguns poetas faziam apologia às drogas, e um exemplo a ser considerado se deu no

1º Encontro Nacional de Poesia de Rua que trouxe a Salvador representantes da chamada “poesia marginal” de todo o país. Para organizar o evento, os poetas receberam uma verba da FCEBA. 'A primeira coisa que a turma fez foi comprar uma quantidade de maconha', ri, hoje em dia, Zeca de Magalhães (CÉSAR, 2003, p. 6, grifo do autor).

Ou como descrito no poema de Gilberto Teixeira:

Um dia  
Pelas esquinas das ruas  
Um cara da minha cara  
Veio gozar,  
Dei-lhe um tapa na cara  
E chega de cara pra lá.  
Tomei o baseado na mão  
Sentei e fui fumar.  
(SOPA, 2006, p. 10)

Este poema retrata a ousadia, as rebeldias tão presentes nas décadas de 1960/70/80, períodos esses de grandes mudanças para a sociedade. Esta alteração tornou-se visível não só nos embates armados que estavam

ocorrendo em vários países, mas especialmente na produção artística, em suas diversas formas. Essa variedade de eventos era dinamizada pela contracultura, que se apresentava como um contraponto às ideias mórbidas que paralisavam as mentes e a sociedade, com maior ênfase na produção musical e literária.

A contracultura foi certamente propiciada pelas próprias doenças de nossa cultura tradicional. Tais doenças condicionaram seus surgimentos, como um antídoto, ou anticorpo, necessário à preservação de um mínimo de saúde existencial, que passou a ser socialmente exigido pelo próprio instinto de sobrevivência de nossa vida em comum (PEREIRA, 1992, p. 16).

Os Poetas na Praça eram respaldados pelos conceitos de liberdade sexual, embora alguns membros mantivessem uma postura menos efetiva, como é o caso de Ametista Nunes que, segundo Antônio Pádua de Souza e Silva (2008), não praticava sexo indiscriminadamente. É possível evidenciar também que o consumo de drogas como forma de elevação estava muito presente no MPP. Todas estas mensagens eram difundidas por meio dos comportamentos, das vestes, da poesia, o que caracterizava o cenário de atuação dos Poetas na Praça. Deste modo, “o pensamento contracultural era a seiva que nutria ideologicamente a expressão poética dos marginais” (BARBOSA, 2007, p. 21).

Os embates com a polícia, como exposto numa comemoração de lançamento do livro de um dos poetas, realizado na sede da União da Juventude Socialista (UJS), não estão relacionados com o regime militar, ou com uma luta pela redemocratização do país, uma

vez que esta não era a principal bandeira do movimento, e sim com a conduta que, em época de ditadura ou não, poderia causar agressões à “ordem social.” O uso de drogas lícitas ou ilícitas punha maior gravidade nos atos desses referidos jovens. Vários exemplos podem ser considerados, em momentos e ambientes diferenciados.

A festa seguia tranqüila, até que um dos jovens atirou pela janela uma garrafa de vinho (vazia). Para azar dos poetas, o grande recipiente de vidro foi se espatifar, no perigoso e imprevisível brinde, de encontro a uma sirene de viatura policial (a antiga rádio patrulha) Não deu outra: cadeia. Foi correria para todos os lados [...] Ricardo Emanuel garante que quem atirou o garrafão foi o poeta André Piedade, que agora seria delegado de polícia (CÉSAR, 2003, p. 7).

As atitudes rebeldes dos poetas da praça se faziam presente em diversos espaços e ocasiões. Em 1982, na Fundação Cultural do Estado da Bahia (FCEBA) foi realizado o 2º encontro de Literatura Emergente, que contou com a presença do escritor e crítico literário Silviano Santiago. Durante sua fala, foi interrompido pelos Poetas na Praça. De acordo com Myryam Fraga, “o caos se instalou no recinto com muita gente falando e declamando” (CÉSAR, 2003, p. 6). Conforme Zeca de Magalhães, os poetas Maia e Short viraram a mesa do ambiente, sobre o que não há acordo, pois Myriam afirma ter visto “Douglas de Almeida suspender e emborcar o móvel” (CÉSAR, 2003, p. 6). O fato é que o evento foi encerrado de forma precoce pelo professor Luis Angélico da Costa.

Outro fato que merece destaque ocorreu no Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA) em 1980. Durante um evento literário, o poeta Douglas de Almeida “arriou as calças e defecou em cima da mesa, anarquizando com os anarquistas, emudecendo de espanto os debatedores, provocando, na platéia, uma contração de nojo” (CÉSAR, 2003, p. 6). Essas posturas, com públicos e discussões ideológicas distintas, ratificavam o compromisso dos poetas com sua própria rebeldia.

Geraldo Maia, interrogado sobre os julgamentos destinados ao MPP por parte de alguns críticos literários e sobre à distância do movimento com a poética sustentada pela academia, afirma que não havia uma preocupação com o modo de se empregar a palavra; ela não passava pelo crivo de uma censura que a tornava indevida. Esta liberdade da praça, imbuída de uma experimentação da linguagem, a tornava criativa e despidida de preconceitos. O que se via, no entanto, era uma popularização da palavra, haja visto que o que se evocava para o poema, em muitos casos, era a palavra do cotidiano. Geraldo Maia, embora sendo conhecedor das normas tradicionais, diz que o MPP era uma miscelânea de gêneros, sem uma fixação de padrão, mas apenas o gosto pela poesia. Assim o poeta enfatiza:

É real e acho ótimo esse distanciamento, porque o que a academia faz e tem feito é, salvo raras exceções, porcaria letrada. Nós fazemos porcaria, mas muitas vezes com um propósito bem definido, coisa que pouco ocorre na academia, é por dificuldade mesmo, o MPP foi, além de tudo, uma escola poética, onde se lia dos clássicos aos malditos com o mesmo interesse, mas se

discutia, se debatia, existia a unidiversidade da praça, com corpo docente, discente e dissidente, em constante experimentação da linguagem, rompendo limites e paradigmas, do palíndromo ao poema práxis, do concreto ao cordel, brincando com as formas fixas (sonetos, hai-kais, tankas, koans, etc.) mais palatáveis, mas investindo no discurso sintético-discursivo descoberto e praticado por nós, e que os fanáticos concretistas esqueceram ou não se tocaram do mesmo. Realmente a palavra reinava (e reina) soberana, sem a noção acadêmica de “palavrinha”, ‘palavrão’, ‘chulo’, ‘baixo ou alto calão’ (‘nome feio é miséria, pornografia é fome’), sem rótulos, prejuízos, preconceitos que a academia adora conservar em formol. Estilo, amigo, é inventar palavras.<sup>4</sup>

Contrariando o pensamento de Geraldo Maia, o poeta Claudius Portugal, Diretor da Fundação Pedro Calmon, reconhece no MPP uma inserção histórica na trajetória da poesia baiana, onde o marco do grande momento daqueles poetas foi uma atuação política digna de respeito, mas cuja representatividade poética “só o tempo vai dizer” (CÉSAR, 2003, p. 5). O que é possível analisar nesse discurso é que se enfatiza a poética comportamental em detrimento do poema. O Professor Jorge Portugal, que participou de algumas apresentações na Praça da Piedade, afirma que “ficava emocionado ao ver 300 pessoas juntas” (CÉSAR, 2003, p. 5). Este número de pessoas não é a quantidade de membros do MPP, mas de curiosos, transeuntes, mendigos, dentre outros,

---

<sup>4</sup>Entrevista concedida ao autor do artigo em 15 de abril de 2011, em Itabuna, Bahia.

que, de uma forma ou de outra, presenciavam a atuação dos poetas na praça. Portugal ainda “admite que a maior parte dos poemas requeria um trabalho de carpintaria, mas pondera que, naquele momento de luta contra a ditadura, o importante era dizer, extravasar a emoção” (CÉSAR, 2003, p. 5). Finaliza dizendo que: “hoje, num olhar retrospectivo, ficou pouca coisa de valor literário. Tinha gente que declamava bobagem, mas valeu” (CÉSAR, 2003, p. 5). Paulo Leminski, nome de destaque na literatura desse período, chegou a afirmar que a poesia marginal era em “grande parte ignorante, infanto-juvenil, tecnicamente inferior aos seus antecessores” (CÉSAR, 2003, p. 3). Outro nome de grande destaque nesta época é de Cacaso, que num olhar igualmente retrospectivo, afirma que existia certa ingenuidade na poesia marginal e que os seus membros estavam mais preocupados “em curtir a vida” (CÉSAR, 2003, p. 3).

As problemáticas abordadas pelas citações apontam para a presença emblemática, inquietante e provocativa do MPP. Não são utilizadas como meio de crítica literária, mas para colocar o movimento numa historicidade que reclame uma atenção desprovida de afetividade, identificando, ao mesmo tempo, discussões consonantes e dissonantes que os poetas na praça trouxeram. Assim, Maia enfatiza que o MPP cumpriu não somente uma função social, mas também literária, afirmando que a

literatura mexe com a linguagem e a linguagem significa a expressão de mudanças que ocorrem no corpo social, pois os movimentos que aconteceram na esfera social se expressam através da linguagem. E a literatura está aí para expressar esses movimentos. Agora a literatura acadêmica

é que não cumpre função social por que ela está estagnada dentro dos seus dogmas, da sua visão estreita. Ela não muda, portanto não está em sintonia com a alma das ruas, com a pulsação das ruas, do povo. Ela está acantonada em seu pedestal e distante da realidade, por isso não tem função social, por isso existe apenas para dar vazão à vaidade das pessoas. Se você pegar 'A Arte Poética', de Horácio, você vai ver que a poesia nasceu na rua para questionar o poder, para curtir com a cara do bispo, para curtir com a cara do rei, para dizer que a rainha está dando para não sei quem (SOPA, 2006, p. 7, grifo do autor).

Desta maneira, torna-se evidente o modo como este grupo tratava sua poética, sua rebeldia, utilizando não só a escrita, como, também, a fala e o corpo como meios de difusão de suas ideias. Encontrar-se na praça, para o MPP, é emblemático, pois as ruas representam o referencial que aproxima o poeta e seu público ou leitor.

## **Considerações finais**

A temática que foi desenvolvida nesta pesquisa é fruto das pesquisas no campo da História e da paixão pela poesia há muito tempo, o que resultou na tentativa de aproximar História e Literatura como objeto de investigação. A escolha desta temática não se deu a partir de uma atração pela estética da escrita Marginal e de forma particular por uma identificação geral com os Poetas na Praça. A condução deveu-se ao interesse suscitado pela poética comportamental: a irreverência, a ousadia e a utilização do corpo e do espaço público como

meios de popularizar o poema, que muitas vezes esteve algemado pela academia. Assim, procurou-se aqui oferecer uma contribuição historiográfica e literária, abordando problemas, que até agora, foram pouco discutidos e pesquisados, apontando para necessidade de ampliação dos estudos que salientem outras considerações sobre a atuação deste movimento na Bahia.

Enfatizou-se a importância histórica e literária do MPP para o Estado da Bahia e para a história do Brasil, dada a complexidade do momento em que surge o MPP no processo de abertura política, bem como sua postura iconoclasta e poética. Ficou claro que no MPP evidenciava-se a liberação do corpo, a subversão a uma ordem que norteou o homem moderno. Corpo tratado como máquina, objeto da racionalidade, substrato da ordem e do progresso. Corpo programado para produzir o capital e, por isso, docilizado, disciplinado e castrado. Corpo que passou a reivindicar de forma direta e contestadora o que lhe foi negado – a praça, a nudez e o apelo a uma sensualidade que não reconhece os limites domésticos e familiares.

A Poesia Marginal do MPP desloca este “lugar” do corpo, pondo-o ao centro, reconfigurando-o e problematizando seu valor ou, em alguns casos, seu des-valor, uma vez que este se encontra desprovido de projetos futurísticos e civilizacionais. No movimento Poetas na Praça, é central a exposição do corpo: posicioná-lo a céu aberto, reaproximá-lo ao estado “natural”, assumir posturas que façam alusão a elementos digestivos ou genitais, numa teatralização poética nas praças que colocou a poesia numa tríade – escrita, declamação e corporificação. Esta produção literária foi uma novidade no cenário baiano, não apenas com a utilização do corpo nas praças, mas com a ressignificação



da linguagem tida como obscena e sua conseqüente rediscussão com letras e atos sobre a sexualidade, os desejos e a moral. Constatou-se que, no MPP, liberar o corpo foi, em primeira e última instância, assumi-lo com suas potencialidades e limites. Mas sempre numa predisposição à subversão. Ressalta-se, por fim, o interesse em aproximar literatura e leitor, numa popularização do poema tratado de forma simples, cotidiana, sem o compromisso com a legitimação canônica da academia.

## Referências

CÉSAR, Elieser. Poetas na praça. **Correio da Bahia**. Salvador, 12 out. 2003. P. 3-7.

BARBOSA, Maria Daniela. **Jornal Dobrabil**: irreverência poética de Glauco Mattoso. Brasília, DF: UnB, 2007.

GASPARI, Elio; HOLANDA, Heloisa Buarque de; VENTURA, Zuenir. **Cultura em trânsito**: da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MAIA, Geraldo. **Triste cantiga de alguma terra**. Rio de Janeiro: Tempo Literário, 1978.

MAUÉS, Flamarion; ABRAMO, Zilah Wendel (org.). **Pela democracia, contra o arbítrio**. A oposição do golpe de 1964 à campanha das Diretas Já. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SILVA, Antonio Pádua de Souza e. **O Movimento Poetas na Praça**: uma poética de ruptura e resistência. São Paulo: Ed. PUC-SP, 2008.

SOPA: poesias e afins. Salvador, Ano II, n. 5, julho 2006.



















**IMPrensa UNIVERSITÁRIA**

---

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA